



Mulheres marcham para travar a violência doméstica, mal de que constituem as principais vítimas

Mulheres marcham contra violência

Notícias; Cidade de Nampula; 01.08.2018; Pág. 07; ed. 30.427

RAHAIA JAMAL

CENTENAS de mulheres participaram ontem, na cidade de Nampula, numa marcha que marcou o lançamento da campanha contra a violência que afecta esta camada social.

Com esta campanha pretende-se envolver as mulheres e raparigas na tomada de decisão, para que estas possam viver de forma livre, desfrutando dos seus direitos de igualdade de género na sociedade.

O director provincial do Género, Criança e Acção Social de Nampula, Nguma Geraldo, referiu que a acção

poderá contribuir para a redução dos altos índices de casamentos prematuros e a violência doméstica e sexual que se tem registado nalgumas comunidades ao nível da cidade de Nampula.

A campanha decorre sob o lema “Chega, juntas podemos acabar com a violência contra a mulher e rapariga.”

Realçou que a iniciativa conta com o envolvimento de vários seguimentos da sociedade civil, entre conselheiras de ritos de iniciação, líderes comunitários e de tribunais comunitários que demonstraram interesse em se juntar aos esforços do governo com vista a erradicar a

violência contra a mulher e rapariga.

A coordenadora da Ophenta, Olga Loforte, disse que a campanha contra a violência da mulher e rapariga não só terá como foco a esfera doméstica, como também os espaços públicos como hospitais, esquadras, transportes públicos de passageiros, entre outros locais de grande concentração populacional.

Afirmou que a campanha vai também sensibilizar toda a população para que diga basta à violência contra a mulher e rapariga pois, de acordo com as suas palavras, trata-se de um problema so-

cial global.

Explicou que a campanha tem quatro eixos, sendo que um deles é trabalhar com a rapariga com vista a desenvolver a sua capacidade mental para tomar decisão e desligar-se de uniões prematuras.

“As raparigas devem perceber que precisam de denunciar a violência de que têm sido vítimas para pôr fim a este mal”, disse Loforte, acrescentando que a estratégia de combate inclui a transmissão de mensagens claras às instituições públicas e privadas, bem como uma reflexão conjunta em torno deste mal social.